

**MOTIVAÇÃO NO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA: UMA EXPERIÊNCIA DE  
OBSERVAÇÃO EM UMA ESCOLA PÚBLICA**

**MOTIVATION IN THE TEACHING OF ENGLISH: AN EXPERIENCE OF  
OBSERVATION IN A PUBLIC SCHOOL**

**Edson de Siqueira Estarneck<sup>1</sup>  
Viviane Freitas da Silva<sup>2</sup>**

**RESUMO:** Este artigo tem o objetivo de refletir sobre o contexto da sala de aula de língua inglesa em uma escola pública para a compreensão das motivações que geram ações no processo ensino-aprendizagem. Seguimos o modelo de pesquisa em Linguística Aplicada, realizando uma microanálise etnográfica, através de observação participante, entrevistas e questionários. Concluímos que é necessário que haja um resgate do interesse dos participantes do contexto da sala de aula de língua inglesa e que é preciso um entendimento prático do uso da língua estrangeira na vida dos estudantes.

**Palavras-chave:** motivação; escola pública; língua inglesa; Linguística Aplicada.

**ABSTRACT:** This article aims at thinking about the context of the English classroom in a public school to understand the motivations that generate actions in teaching-learning process. We follow the model of research in Applied Linguistics performing an ethnographic microanalysis through the use of participant observation, interviews, and questionnaires. We assume that there must be a rescue to redeem the interest of the participants of the English language classroom and that it is also necessary to obtain a practical understanding of the use of the foreign language in the students' life.

**Keywords:** motivation; public school; English; Applied Linguistics.

“Um aluno bate com a cabeça na parede após outro tê-lo empurrado. Ele cai desacordado. A professora levanta-se de onde está e vai em direção ao aluno caído. Perplexa diz ao que o empurrou ‘olha só o que você fez!’. O aluno que está no chão pisca para os demais alunos da sala evidenciando, assim, a intenção de assustar a professora. Ela vê, percebe a “brincadeira” e, quando faz menção de falar algo a respeito da situação criada, recebe uma bolinha de papel pelas costas”<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Mestre em Linguística Aplicada e Coordenador do Curso de Letras da UNIABEU, Nilópolis, RJ, Brasil [estarneck2007@hotmail.com](mailto:estarneck2007@hotmail.com)

<sup>2</sup> Graduada em Português-Inglês, UNIABEU, Nilópolis, RJ, Brasil. [vivielen@gmail.com](mailto:vivielen@gmail.com)

A cena acima poderia ser de uma ficção qualquer – cinema, novela, etc., porém, é o relato de uma aula presenciada por nós na escola. Esta foi uma das constantes confusões que vivenciamos nas aulas de língua estrangeira (LE daqui por diante) numa escola municipal do Rio de Janeiro. Notificar o que está por trás disso em nível da motivação é proposta deste trabalho. Buscamos entender tal motivação tanto da parte dos alunos quanto do docente.

A professora é de língua inglesa. Em uma entrevista, perguntamos sobre sua motivação na realização de sua função. Disse que, para trabalhar naquela escola, “é a necessidade” – palavras da própria. Estava se referindo ao contexto de sua realidade pessoal no sentido financeiro e de opções profissionais em sua formação. É uma fala que reflete sobre um contexto de trabalho que tem levado muitos professores a uma atuação pouco efetiva no cumprimento das propostas do ensino de LE.

Gritaria, indisciplina, falta de respeito e brincadeiras tomavam grande parte das aulas. Diante de várias situações como aquela relatada acima, surge um questionamento: o que fazer para mudar este quadro no sentido de atrair todos os participantes do contexto da sala de aula de LE para ações de envolvimento e motivação?

Este artigo pretende analisar o estudo da língua inglesa, observando o contexto de motivação dos participantes envolvidos na sala de aula de língua estrangeira. Buscamos perceber quais são os fatores que determinam a motivação ou a desmotivação deles. O estudo que descrevemos está vinculado ao projeto *Investigação na sala de aula como ponto de partida para propostas de projetos de ensino de LE* promovido pelo Programa de Apoio à Pesquisa e Extensão (PROAPE) da Associação Brasileira de Ensino Universitário (UNIABEU – Centro Universitário). Este projeto tem como objetivo o reconhecimento das necessidades da escola popular para propostas pedagógicas que intervenham na valorização do ensino de LE no contexto escolar. Além deste, também objetiva envolver futuros professores, discentes de Letras da UNIABEU – bolsistas do projeto, no reconhecimento da realidade prática de escolas públicas populares para capacitação e melhor atuação profissional.

Definimos a relação do estudo desenvolvido aqui com uma postura de preocupação social que inclua propostas de “orientações para o ensino de LE de uma maioria oprimida pelas condições de uma sociedade estratificada, cujos valores que se impõe são os de uma minoria hegemônica e que detém o poder política e economicamente falando” (ESTARNECK, 2009)<sup>ii</sup>. Evidenciamos assim nossa posição de nos colocar a favor dos desprestigiados

socialmente, tendo como base trabalhos que acusem situações de preconceito linguístico e cultural de classes socialmente oprimidas (cf. SIGNORINI, 1994, MOITA LOPES, 1996, SOARES, 1995). Expomos que:

A escola de classes populares que tem como parâmetro os valores das sociedades economicamente dominantes pouco se mostra sabedora de como trabalhar a partir dos valores dos grupos que fazem uso dela. Nesse caso, a exclusão social se torna evidente no âmbito escolar. É momento então de refletirmos. Como qualquer construção – e a do conhecimento não é diferente –, o saber novo precisa partir de algum elemento formado anteriormente. De que maneira o ensino que não considera os valores de seus participantes poderá estruturar o conhecimento sem a presença de alicerces fundamentais para a negociação e construção do novo? A não aceitação dos valores, da cultura (e o dialeto está incluído nela) dá aos que não têm constituído uma estrutura básica de uso e interesse nesses valores dificuldades em se integrarem às propostas oferecidas na sala de aula através do ensino formal. Assim é fundamental para aqueles que trabalham com o ensino compreender o contexto das comunidades com as quais lidam e sugerir ações inclusivas de seus participantes, seus valores, sua cultura e sua variante dialetal para o sucesso do aprendizado (ESTARNECK, 2009)<sup>iii</sup>.

De acordo com Pajares e Schunk (2001), a escola exerce um grande impacto na vida das pessoas e por este motivo é preciso promover entre os estudantes um autêntico desejo pela aprendizagem e pelo desempenho escolar.

Tal desejo, no caso da língua inglesa, deve ser estimulado nos alunos e, por eles, assimilado de maneira eficaz com o objetivo de que os mesmos sejam, posteriormente, inclusos socialmente e que estejam aptos a atuar na competitiva sociedade globalizada:

Se o ensino de uma língua estrangeira é dever da escola, e se grande parte das escolas oferece exclusivamente o inglês, e ainda se, no caso dos alunos das camadas populares, a escola pública é o único lugar de aprendizado desse idioma, é de se esperar que seu ensino seja eficaz e significativo para eles, possibilitando-lhes o acesso ao direito de formação integral do indivíduo a fim de que possam exercer a tão proclamada “cidadania” e utilizar o conhecimento adquirido como mecanismo de inclusão social, encontrando assim um “lugar nas redes articuladas de fluxos de capitais e informações”, no atual mundo globalizado. (CHARLOT, 2005, p. 133).

Desta forma é imprescindível que os alunos sejam motivados pela aprendizagem da língua inglesa e que a conheçam e a reconheçam como mais um instrumento de inserção no mundo moderno para levá-los a possibilidades profissionais, acadêmicas e sociais. Como dizem os PCNs, o ensino de uma língua estrangeira vai muito além da aquisição de um

conjunto de habilidades linguísticas, pois promove uma “apreciação dos costumes e valores de outras culturas e contribui para o desenvolvimento da própria cultura por meio da compreensão da(s) cultura(s) estrangeira(s)” (BRASIL, 1998, p. 37).

Refletimos então na necessidade desafiadora de compreender e dar acesso à construção da motivação, que ao final estará atrelada a procedimentos que deem inteligibilidades do ensino/aprendizagem de LE no contexto das salas de aulas de escolas públicas populares. Iniciemos pela compreensão do que é motivação.

Segundo o dicionário Aurélio (2004) motivar significa “despertar o interesse, a curiosidade de; prender a atenção de”. Já o termo *motivação*, ainda segundo este dicionário, refere-se ao “conjunto de fatores que determinam a atividade e a condutas individuais”. Seguindo a linha da psicologia, Vernon (1973, p.11) diz que “a motivação é encarada como uma espécie de força interna que emerge, regula e sustenta todas as nossas ações mais importantes”.

Witter e Lomônaco (1984, p. 45) afirmam que a **motivação intrínseca** é aquela em que a atividade surge como decorrência da própria aprendizagem, o material aprendido fornece o próprio reforço, a tarefa é feita porque é agradável. Já a **motivação extrínseca** ocorre quando a aprendizagem é concretizada para atender a outro propósito como, por exemplo, passar no exame, subir socialmente.

Tatiana Pinheiro, na revista Nova Escola de junho de 2009, apresenta a temática da motivação, sendo traduzida como ação/desejo de relação com o mundo, com os outros e consigo mesmo em direção ao saber. Em discussão, expõe-se o pensamento do sociólogo Bernard Charlot relacionado à noção de mobilização, numa percepção mais ampla do que sugere a noção de motivação, referente a um movimento interno de significados que o aluno constrói sobre suas ações. Sendo assim, é importante ressaltar que o envolvimento motivado do aluno em busca do saber não é isolado do seu contexto (mundo) e de seus interesses.

Para Guimarães (2001), no que diz respeito ao contexto escolar, as atividades devem ser desenvolvidas levando-se em consideração os elementos que promovem a motivação intrínseca tais como o estímulo à curiosidade e à proposta de novos desafios com o objetivo de motivar os alunos. De acordo com Vygotsky, o professor é quem direciona a construção da motivação do discente:

A construção da motivação é um dos pilares para um bom clima da sala de aula. O professor tem que conhecer como o aluno aprende e usar de estratégias de ensino que lhe dê a sensação de estar conquistando algo importante no ato

simples de cumprir tarefas que estão de acordo com a sua zona proximal de desenvolvimento. (VYGOTSKY, 1993, p. 102).

Para Charlot (2005, p. 76), uma aprendizagem só é possível se houver o desejo de aprender e com um envolvimento daquele que aprende. Ou seja, se não houver interesse não haverá aprendizado independente de quem estiver ensinando.

Segundo Bzuneck (2001), toda pessoa dispõe de recursos pessoais como o tempo, a energia, os talentos, os conhecimentos e as habilidades. Esses recursos poderão ser investidos em qualquer área escolhida pelo indivíduo, sendo mantidos, enquanto estiverem atuando os fatores motivacionais. Desta forma, a motivação pode influenciar no modo como o indivíduo utiliza suas capacidades além de afetar sua percepção, atenção, memória, pensamento, comportamento social, emocional, aprendizagem e desempenho.

Antunes (2007, p. 122) afirma que, desde a mais tenra idade, a relação social que a escola representa pode oportunizar, pelo ensino e pela aprendizagem, a construção dos mais diferentes motivos intrínsecos que o ser humano pode internalizar. Esses motivos mais tarde se revelarão em motivações extrínsecas que o indivíduo terá como metas e objetivos em sua vida.

Sendo a motivação um conjunto de fatores que determina a atividade e a conduta individuais no contexto de uma sala de aula, podemos concluir, então, que, quando as atividades propostas de um professor não são bem aceitas e até mesmo ignoradas pelos alunos, pode ter existido um conjunto de fatores que desvirtuou a atenção ao que se expôs. A motivação, desta maneira, é direcionada para um norte que não se encontra com o objetivo estabelecido para a aula. Quando o resultado de uma proposta não é o que se esperava, podemos dizer então que ela não motivou.

Em suas observações do contexto de sala de aula de língua estrangeira (LE), Moita Lopes (1986, p. 132) apontou condições desfavoráveis ao ensino/aprendizagem de LE em escolas públicas como recursos didáticos escassos, classes numerosas, pouca qualificação docente, utilização de metodologias inadequadas ao contexto de sala de aula. Diante disso, pensamos que é preciso promover atividades que levem os participantes da sala de aula de LE, professores e alunos, à reflexão de suas motivações para um engajamento nas propostas de ensinar e aprender língua estrangeira.

Antunes (2007, p. 94) salienta que "propor diferentes atividades é atender a distintas necessidades e estilos de aprendizagens que possam apresentar os alunos. É acreditar que

cada aluno é um ser humano sempre em potencial de novas descobertas". A questão é que a escola, embora tenha intenção de desenvolver os indivíduos, trabalha o coletivo, e a construção de um contexto estimulante para o despertar de diversas motivações simultaneamente é, na prática das condições da escola pública, uma proposta fora do contexto real. Está em questão um olhar voltado para a realidade local da escola pública popular. Estarneck, na ASSEL-Rio de 2009, caracterizou a escola pública popular, distinguindo escolas públicas que não atendem abertamente as comunidades de classe popular, por atenderem classes mais prestigiadas, das localizadas em comunidades de baixo prestígio social. Para elucidar o contexto da escola pública que não é popular, citamos, no Rio de Janeiro, as escolas Pedro II, o CAP da UFRJ e os colégios de aplicação de outras universidades públicas, como também as escolas técnicas federais, entre outras. Para tanto, propomos uma percepção das condições dos indivíduos desse contexto de escola pública popular para conseguirmos nos remeter mais claramente às condições das motivações dos participantes do contexto analisado.

O estudo apresentado é de cunho etnográfico e realizado com base em uma análise interpretativista dos dados gerados com alunos e professor de uma escola pública municipal situada na cidade do Rio de Janeiro. A amostra contou com a participação de 33 alunos do 7º ano do ensino fundamental. Embora os resultados sejam tratados, em parte, em números, nossa pesquisa buscou uma combinação de pesquisa interpretativista e positivista, ou seja, fundamentamos nossa percepção dos dados numa proposta comum em Linguística Aplicada de combinar análise qualitativa e quantitativa. Os dados foram obtidos mediante a aplicação de um questionário contendo 20 questões objetivas que envolviam o contexto da sala de aula de língua inglesa. Além do questionário, utilizamos anotações de campo realizadas em um período de dois meses de observação em sala de aula e uma entrevista com o docente regente da turma (ressaltamos que, a pedido da professora, a entrevista não pode ser gravada em áudio, sendo utilizadas, portanto, somente anotações do encontro). Como base nos dados coletados através desses instrumentos, procuramos verificar os fatores motivacionais (ou a falta deles) que vêm interferindo no sucesso escolar de professores e alunos, visando à melhoria da atual situação do ensino de língua inglesa na escola pública popular.

Na apresentação do questionário aos alunos, cada questão foi lida em conjunto com eles e cada questão respondida tão logo todas as eventuais dúvidas estivessem sanadas. Em uma das questões perguntamos sobre como percebiam a importância do aprendizado de LE para a formação deles. Tal questão foi orientada para que respondessem segundo a opinião

que tinham e não o que simplesmente ouviam dizer. Quatro foram as possibilidades de escolha: a) não tem importância; b) tem pouca importância; c) é necessária, mas não sei para quê e d) é importante para a formação do aluno e é fundamental para o mercado de trabalho. Delas, apenas as alternativas “c” e “d” foram marcadas.

Nesta turma, dos 33 alunos que responderam o questionário, 30 acreditavam ser importante aprender uma língua estrangeira para sua formação profissional, ou seja; 94% do total. Os três alunos restantes responderam que a consideravam necessária, mas não sabiam para quê. Diante desse resultado, percebemos que existe a consciência de uma importância em se aprender uma língua estrangeira. Buscamos entender então, numa percepção mais próxima possível dos interesses dos estudantes, em que sentido de importância os alunos consideram os estudos de língua estrangeira e qual a utilidade prática têm para eles.

A maior percentagem dos alunos (24% deles) julgou o aprendizado de língua estrangeira importante para viajar para o exterior. No contexto social em que vivem, esta é uma realidade que não faz parte da vida da grande maioria. No entanto, este dado mostra que as funções do conhecimento de LE, na visão dos alunos, não são de aplicação imediata ou de propósitos para interesses nacionais. É possível que tenhamos reconhecido nesta questão o que Moita Lopes (1996) já havia apontado no ensino de LE que enfatiza um deslumbramento do que é e vem do exterior. Surge a necessidade de trabalhar a consciência desses alunos para uma função social dentro de uma realidade nacional, dentro de uma perspectiva realmente prática para os interesses sociais.

Em segundo lugar, 22% dos estudantes julgaram-na importante para “se dar bem na vida”, no sentido de ser bem sucedido, ganhar dinheiro. Mais uma vez, observamos que noções gerais, pouco práticas, no sentido de aplicação mais objetiva na vida do aluno, são trabalhadas no ensino de LE sem considerar necessidades da realidade da sociedade e da comunidade em que o estudante está inserido. É como se o melhor que aprendiz obterá com o estudo de LE só será possível num futuro distante. Neste mesmo sentido, seguem as opções “prestar vestibular” e “se sentir importante”, que para alunos do 7º ano ainda são realidades pouco próximas de seu presente. Percepções mais próximas da vivência do aluno, como obter “acesso a outros conhecimentos” ou até mesmo “aprender músicas” ou “usar melhor o vídeo-game”, por exemplo, não foram por eles assinaladas em maior grau. Ou seja, vemos que a “força interna que emerge”, a motivação, que leva o aluno ao envolvimento no aprendizado de LE está enfraquecida como um carvão distante do braseiro, uma vez que a percepção prática, imediata que a língua em uso propicia não é percebida.

Em outra pergunta do questionário, onde indagamos sobre o tipo de ação que gostariam que o professor tivesse em sala para envolvê-los mais, observamos que duas opções foram as mais marcadas. A primeira foi a opção indicada por 49% da turma que relacionava a utilização de músicas e assuntos da atualidade como recurso e abordagem de como gostariam que fossem as aulas de inglês. A segunda de maior percentual foi a opção em que 33% da turma marcou que o professor precisa ter empatia para melhor envolvimento dos alunos. Sendo assim, analisar o nível de motivação desse professor é importante para entender melhor o que os participantes apontam.

A professora expressou ter desistido da aplicação de novas metodologias de abordagem do conteúdo da disciplina quando, na entrevista, afirmou já ter tentado uma vez inovar, fazer diferente, mas que, como a mesma disse, “só deu certo por aproximadamente 20 minutos”. Afirmou também que só estaria ali por “necessidade”, referindo-se à sua situação financeira. Disse que estava doente, sentindo taquicardia devido aos constantes estresses que tem passado na sala de aula.

Considerando as relações de causa e efeito na motivação dos participantes do contexto investigado, buscamos compreender quais dificuldades são apontadas para o processo de ensinar e aprender LE na sala de aula. Os discentes, por sua vez, reconheceram que o falatório dos colegas dificulta o aprendizado, conforme 44% dos alunos que responderam o questionário. Eis um dado que é constante nas notas de nossas observações, onde se relata, com frequência, a dispersão dos estudantes por se ocuparem de outras atividades que não as propostas pela docente. Propostas estas que não são integralmente cumpridas, mesmo quando se aplica medidas mais impositivas. Em uma das aulas, por exemplo, no momento da aplicação de um teste, observamos uma mobilização da turma para realizar a verificação de aprendizagem, mas que durou apenas alguns minutos e logo dissipou-se. É nítida a dificuldade na manutenção das propostas que, naquele grupo, se mostram evasivas. A motivação logo passa. O que não faz parte do interesse dos estudantes fica em segundo plano ou plano nenhum. Até mesmo os aparelhos eletrônicos tais como aparelhos celulares, câmeras digitais, MP3s etc. são levados para a sala de aula como mais uma forma de distração. Assim ouvem músicas, falam ao celular, tiram fotos. A presença do professor de língua inglesa, naquele contexto, não os fazia parar, não fazia interferência considerada eficiente para mobilizar as ações para o aprendizado.

## **Conclusão**

No contexto da sala de aula investigada, é necessário que haja uma intervenção eficaz com a capacidade de resgatar o interesse dos alunos nas aulas de língua inglesa. É preciso provocar um motivo intrínseco que traga a atenção do aluno para aquilo que está sendo apresentado, que se interessem pela aula. Simplesmente ter consciência da importância em se aprender uma língua estrangeira não é suficiente para motivá-los a interagirem com envolvimento nas propostas em sala.

A conscientização do ensino de LE para a atuação em contextos atuais, próximos da realidade dos estudantes e de seus interesses, é uma possibilidade de levá-los a uma percepção de que aprender uma LE tem finalidades para os dias de hoje e não apenas para um futuro distante (como prestar Vestibular, conseguir um emprego, viajar para o exterior), para uma possibilidade de aplicação aos seus interesses. Os alunos pesquisados acreditam que a língua inglesa é importante para “viajar para o exterior” e para “se dar bem na vida”, ou seja, no momento, não precisam dela. Conhecer outros lugares e ser bem sucedido na vida são para o futuro, não para agora. Isto justifica a dificuldade na manutenção das propostas sugeridas pela professora e, ainda que por alguns momentos deem atenção ao que foi pedido, a motivação logo passa. O que não lhes interessa fica sempre “para amanhã”. Tudo ao redor parece ser muito mais atraente, desde conversas a respeito de diversos outros assuntos até a utilização de aparelhos eletrônicos. A LE não tem despertado o interesse, não tem “prendido a atenção” como o esperado, o que justifica nossa anterior afirmação de que a motivação, nesse contexto, está enfraquecida.

Já que a professora também se mostrou desmotivada com a realidade que vivencia, entendemos ser também necessário que esta seja auxiliada no que for preciso para que, assim, possa juntamente com seus alunos, descobrir maneiras de estimular, de tornar sua aula dinâmica e interessante. Observamos que seu olhar não está alinhado a uma percepção investigadora das ações que estão ao seu redor na sala de aula. Se os alunos estão tão interessados em aparelhos tecnológicos e em interagir uns com os outros, por que não propor atividades que vão ao encontro dos interesses deles e que os levem a utilizar a LE como ferramenta? Por isso, é fundamental que professores sejam capacitados para serem investigadores de seu contexto de atuação.

Fica aqui uma reflexão sobre os centros de graduação, formadores de profissionais de línguas, que deveriam preparar futuros professores para atuarem como pesquisadores de suas salas de aula. Vemos também a importância de que sejam propostos estudos que

conheçam as necessidades das escolas públicas populares para uma atuação mais efetiva nesse contexto.

Para finalizar, percebemos que existe inconsistência nos objetivos do ensino de língua estrangeira em relação às percepções dos aprendizes sobre tais objetivos. A partir da análise dos resultados, reconhecemos que, na visão dos estudantes, o aprendizado de LE é projetado apenas para momentos futuros, resultando assim uma perda de interesse nos estudos de inglês. As aplicações da aprendizagem não envolvem seu contexto, interesses e momento atual. Professor e alunos não conseguem estabelecer, mesmo reconhecendo a importância da LE na sociedade, relação de uso em contextos próximos da vivência deles. Percebemos de ambos os lados, professor e alunos, um verdadeiro desafio relacionada a realidade que estão inseridos. Surgem então vários questionamentos acerca da ação a ser usada. Como fazer para que ocorra uma considerável valorização da disciplina? Quais atividades levarão em consideração os interesses dos alunos? Estes e outros questionamentos são objetos de estudo de nosso projeto de pesquisa, no intuito de que nossa proposta venha realmente intervir neste contexto, a fim de capacitar os discentes para um futuro melhor inclusive para o nosso país. Concluímos que a motivação do aluno não é construída isolada do seu contexto (mundo) e de seus interesses, distantes daquilo que trazem como bagagem cultural, da comunidade em que vivem. Entendê-los e usá-los como instrumentos é um desafio que requer formação e disposição.

## **Bibliografia**

ANTUNES, Denise Dalpiaz. *Relatos significativos de professores e alunos na educação de jovens e adultos e sua auto-imagem e auto-estima*. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS, Porto Alegre, 2007. p. 94 -122

BRASIL. Secretaria de Ensino Fundamental/MEC. *Parâmetros Curriculares Nacionais – língua estrangeira*. Brasília: MEC/SEF, 1998. BRASIL. p. 37

BZUNECK, J.A. *A motivação do aluno: Aspectos introdutórios*. Em E. Boruchovitch & J.A. Bzuneck (Orgs.). *Motivação do aluno: Contribuições da psicologia contemporânea*. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

CHARLOT, Bernard. *Relação com o saber, formação dos professores e globalização: questões para a educação de hoje*. Porto Alegre: Artmed, 2005.

ESTARNECK, Edson de Siqueira. O ensino de Língua Estrangeira na escola pública popular: por uma proposta por projetos de colaboração. *Anais do XV Congresso da Assel-Rio – Linguagens em diálogo: Pesquisa e ensino na área de Letras*, Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 1ª. Edição, ISBN 978-85-87043-87-0, p. 1-15, nov.2009. CD-ROM.

FERREIRA, Aurélio B. de Hollanda. *Miniaurélio: o minidicionário da Língua Portuguesa*. 6. ed. Revista e atualizada. Curitiba: Positivo, 2004.

GUIMARÃES, S.E.R. *Motivação intrínseca, extrínseca e o uso de recompensas em sala de aula*. Em Boruchovitch, E. & Bzuneck, J.A. (Orgs.), *Motivação do aluno: Contribuições da psicologia contemporânea*, Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

GUIMARÃES, S.E.R. *Avaliação do estilo motivacional do professor: adaptação e validação de um instrumento*. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

MOITA LOPES, Luis Paulo da. *Oficina de Linguística Aplicada*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1996. p. 37-132.

PAJARES, F. & SCHUNK, D. H. *Self-beliefs and school success: Self-efficacy, self concept, and school achievement*. Em R. Riding & S. Rayner (Orgs.), *Perception*. London: Ablex, 2001. p. 239-266.

PINHEIRO, Tatiana. Bernard Charlot: ensinar com significado para mobilizar os alunos. *Revista Nova Escola*. São Paulo: Ed.Abril, 2009.

Disponível em <http://revistaescola.abril.com.br/formacao/formacao-inicial/bernard-charlot-ensinar-significado-mobilizar-alunos-476454.shtml>. Acesso em: 15 mar 2010.

VERNON, M. D. *Motivação humana*. Tradução de L. C. Lucchetti. Petrópolis: Vozes, 1973. (trabalho original publicado em 1969).

VYGOTSKY, L. S. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Pontes, 1993. p.102.

WITTER, Geraldina Porto; LOMÔNACO, José F. Bittencourt. *Psicologia da aprendizagem*. São Paulo: EPU, 1984.

## Notas

<sup>i</sup> Este e os demais exemplos apresentados neste artigo constam dos dados da pesquisa “*Investigação na sala de aula como ponto de partida para propostas de projetos de ensino de LE*”.

<sup>ii</sup> Extraído do texto publicado nos anais do XV Congresso da Assel-Rio em CD-ROM, realizado nos dias 4, 5 e 6 de novembro de 2009.

<sup>iii</sup> Trecho do texto publicado nos anais do XV Congresso da Assel-Rio em CD-ROM, realizado nos dias 4, 5 e 6 de novembro de 2009.

Recebido em: 26/03/2012

Aceito em: 15/04/2012